

A ENEIDA DE VERGÍLIO OU A HUMANIDADE POSSÍVEL NUMA GUERRA DE PACTOS E COLIGAÇÕES

Manuel Naia da Silva

“Nulla salus bello?”

(Eneida, XI, 362, 369)

A guerra estava iminente. O velho rei Latino não resistia a uma oposição interna cada vez mais encarniçada, que punha o seu ceptro em perigo. Na verdade, tinha sido ele quem invalidara o pacto estabelecido inicialmente com o povo troiano. Talvez acossado pelo remorso, engendra ainda um último estratagema: reunir no seu palácio o Conselho dos representantes dos povos vizinhos e aliados. A meio da discussão emerge a voz de Drances, o eloquente, o tal que aconselhara o rei a estabelecer com o invasor frígio uma “aliança eterna”¹:

“não há salvação alguma na guerra: todos te pedimos a paz”².

A resposta do herói Turno, o principal inimigo dos Troianos, não se fez esperar: retoma a primeira afirmação na forma interrogativa:

“nulla salus bello?”

Tenta, depois, fundamentar uma resposta por ele tida como mais adequada e deliberadamente partidária de uma solução bélica para a situação gerada pela vinda dos Troianos a terras de Itália.

¹ XI, 356: “et pacem hanc hanc aeterno foedere iungas.”

O texto latino resulta da edição das obras de Vergílio da Col. “Oxford Classical Texts”, 1969, reimp. de 1986.

² XI, 362: “nulla salus bello. pacem te poscimus omnes”.

É esta a lancinante questão com que por vezes a humanidade tem de se debater e que ganha uma importância decisiva em determinadas fases da história. A procura da felicidade pessoal e social inerente à paz como fim a atingir encontra meios diferentes, um caminhar duvidoso, sem, por vezes, uma solução à vista e de consequências alheias a qualquer previsão.

Reler em tempo de guerra, no dealbar do séc. XXI, a *Eneida* de Vergílio – o poema da paz e da glorificação do imperador Augusto – significa criar pontes entre acontecimentos envolvidos no mito e a realidade nua e crua que se desenvolvia no Iraque, onde o nosso mundo encontra muitas das suas raízes históricas. Foi do que nos demos conta submergindo por vezes o esforço de apreciação dos próprios textos na sua versão original.

Efectivamente, ver no povo do Iraque um povo em guerra, no interior de si mesmo sob uma ditadura e no exterior a braços com uma invasão de um exército estrangeiro, lembra-nos também o povo troiano avassalado por dez anos de lutas sem fim contra a invasão dos gregos de Agamémnon e Ulisses, errante como tantos outros por mares desconhecidos e, por fim, mergulhado numa guerra de sobrevivência na busca de um naco de chão que servisse de nova pátria, onde pudesse implantar a sua cultura e arrancar à terra o pão de cada dia. Se em Nova Iorque a ONU se tornou o palco de inúmeras nações no sentido de se criar um pacto de concórdia sobre a iminência da guerra, também o povo troiano correu o Mediterrâneo para descobrir uma só autoridade com quem se pudesse aliar e lhe permitisse encontrar um lugar de descanso. Se as decisões da Assembleia Geral da ONU não chegaram para impedir a declaração de guerra, também o Conselho convocado pelo rei Latino, obrigado a suspender a sessão, não o conseguiu igualmente³. Se os Estados Unidos e o Reino Unido se coligaram, com o apoio de mais alguns, para enfrentar o Iraque, uma nação ligada a povos vizinhos por liames seculares, também os restos do povo troiano tentaram o apoio dos arcádios do velho rei Evandro, da Etrúria de Tarconte e dos próprios Latinos. Por sua vez, os Rútulos, seus adversários, são mobilizados por Turno, um chefe indomável, no sentido de se coligarem com facções dos Latinos e dos Etruscus.

Já se realçou que os Troianos invadem terra alheia porque tentam alcançar o essencial: sobreviver. O embuste de Ulisses traduzido no cavalo apresentado diante dos muros da velha Tróia como oferta dos Gregos à deusa Atena não deixou outra via ao povo senão emigrar. O drama criado irrompe tragicamente no momento em que Eneas, depois da fala com a sombra de Creúsa, a sua esposa há pouco dizimada pelo fogo, volta para junto de alguns

³ XI, 469-470: “O próprio pai Latino abandona a assembleia e os grandes desígnios e perturbado pelo funesto contratempo adia a sessão”.

A versão em língua portuguesa que utilizaremos ao longo deste estudo é da autoria de um grupo de professores da Faculdade de Letras de Lisboa (Lisboa, Bertrand Ed., 2003).

companheiros escapados ao incêndio fragoroso da cidade e encontra não um pequeno grupo mas uma multidão sem norte, ávida de um chefe que a conduzisse não se sabia para onde. Os epítetos atribuídos pelo poema épico a esse grupo de homens perdidos na terra e no mar são verdadeiramente significativos. Trata-se de um povo jovem, sem soluções imediatas, condenado ao exílio ao cabo de uma década de guerra, inexoravelmente reduzido à miséria. A expressão do poeta é dramática ao delinear o retrato de um conjunto numeroso de cidadãos dignos da comiseração de qualquer mortal:

“collectam exsilio pubem, miserabile uulgus.”⁴

A artimanha engendrada pelos Gregos decidira a guerra. Por isso, Eneas sente-se condenado à sua triste sorte e, à falta de melhor, com o pai aos ombros e a seu lado o filho tentando acompanhá-lo, refugia-se na região para lá dos montes mais próximos a fim de encontrar meios para a fuga⁵.

Não fora apenas a multidão que seguia Eneas e o seu pai, Anquises, que tinha sido forçada ao exílio e a afrontar povos desconhecidos para sobreviver. Outros núcleos de Troianos tiveram de enfrentar a mesma situação, o que levou a que várias regiões do Mediterrâneo se vissem envolvidas por diversos surtos de refugiados de guerra. O poema fala especialmente da Trácia, ainda antes do término dos combates, com Polidoro, um dos filhos de Príamo; do Epiro, com Heleno e Andrómaca; de Segesta ou Acesta, na Sicília, com o velho rei Acestes.

Os Troianos vagueiam pelo mar com o fim de descobrir um local para fundar uma nova cidade. Mas não foi fácil: nem na Trácia, nem em Creta, nem em Cartago. É o que ficou narrado nos primeiros seis livros: os “erros” ou aventuras pela terra, pelo mar, pelo mundo das sombras, num dinamismo comparável à *Odisseia* de Homero; a parte restante, de igual dimensão, abarca os “casus” ou destruições numa guerra considerada inevitável, correspondente ao universo narrado pela *Iliada*. Aqui, nesta segunda parte, o poeta dá-se conta de que o assunto é de uma importância extraordinária, certamente porque vai tratar de um problema de todos os tempos, que urge resolver:

“É um tema de maior grandeza que agora para mim nasce: maior é a obra que empreendo.”⁶

⁴ II, 798: “uma multidão reunida para o exílio, um grupo digno de dó.”

⁵ Cf. II, 804: “Dei-me por vencido e, erguendo meu pai, dirigi-me para as montanhas.”

⁶ VII, 43-44: “... maior rerum mihi nascitur ordo,
maius opus moueo”.

Mas uma e outra narrativa são solicitadas por Dido a Eneias, em Cartago, para onde uma tempestade acorrentara a frota troiana:

“Vá, hóspede, conta-nos desde o princípio as insídias dos Dánaos, as tribulações dos teus, os teus erros.”⁷

Os “casus” do povo troiano remontam à infundável guerra provocada pelo rapto de Helena, mulher de Menelau, por parte de Páris. Paralelamente, a mão de Lavínia, filha do rei Latino, é disputada por Turno, chefe do povo rútilo. Mas o pai da pretendida sabe que é vontade dos deuses entregar a sua filha a um estrangeiro:

“Não me é permitido entregar a minha filha a nenhum dos antigos pretendentes; isto é o que os deuses e homens me têm vaticinado.”⁸

Mas, na épica dos tempos clássicos, a guerra não é apenas fruto da vontade dos deuses. É o que Turno afirma em resposta à sacerdotisa Cálibe:

“A ti cabe guardar as efigies e os templos dos deuses; os homens que decidam da paz e da guerra – os homens, a quem cabe guerrear.”⁹

Júpiter responderá a Juno assegurando que “As acções pessoais trarão a cada um infortúnio ou sorte.”¹⁰

De qualquer forma, há sempre enviados a apresentar “condições”¹¹ e “acordos”¹² de paz. Por isso, estabelecem-se pactos entre pessoas e povos. É esse o grande propósito dos Troianos pela voz de Ilioneu quando é acolhido no palácio do rei Latino, como representante daquele grupo de exilados:

“muitos povos, muitas gentes nos pediram aliança e quiseram juntar-se a nós”¹³.

⁷ I, 753-755: “Immo age, et a prima dic, hospes, origine nobis
Insidias, inquit, Danaum casusque tuorum
Erroresque tuos”.

⁸ Cf. XII, 27-28.

⁹ VII, 444-445: “cura tibi diuum effigies et templa tueri;
bella uiri pacemque gerent quis bella gerenda.”

¹⁰ X, 111-112: “sua cuique exorsa laborem/ fortunamque ferent.”

¹¹ XII, 112: “pacis leges”.

¹² VII, 285: “pacem”.

¹³ VII, 236, 238: “multi nos populi, multae (...).
et petiere sibi et uoluere adiungere gentes”.

O próprio Turno reconhecerá tal facto¹⁴. É que, já antes, em Cartago, Dido oferecera, por sua vez, um pacto ao povo que viera até si acossado pela tempestade:

“A cidade que estou a construir é vossa. Ponde os navios a seco. Para mim não haverá distinção entre tírio e troiano.”¹⁵

A este propósito, mas no pólo oposto e também dentro de um quadro sentimental, acrescenta-se a disponibilidade interior de Turno:

“Consagrei esta vida a vós e ao meu sogro Latino, eu, Turno, a antepassado nenhum inferior em bravura.”¹⁶

Depois da colaboração do rei Acestes na Sicília¹⁷ instalando no seu território quem não tivera ânimo nem coragem para avançar, assumem particular relevância os laços estabelecidos com o rei Evandro. Velho e de origem arcádica, não dispõe de meios para serem acrescentados aos dos seus aliados:

“Para prestar auxílio militar em prol de tão grande nome, são exíguas as forças de que dispomos”¹⁸.

Mas, por outro lado, a sua grande humanidade atraiu um aliado, que também o seria do povo troiano:

“Mas tenciono aliar a ti um grande povo com opulentas forças militares no seu reino”¹⁹.

Este “grande povo” seria o povo etrusco, sobre o qual Roma assentou as suas raízes históricas. De facto, um dos seus chefes acede ao pedido de aliança de Eneias, que se dirigira à Etrúria por esse motivo:

¹⁴ VIII, 13-14: “ele [Eneias] declarava ser rei designado pelos destinos, que muitos povos se tinham aliado ao herói dardânio e que a sua fama se tinha espalhado por todos os cantos do Lácio”.

¹⁵ I, 573-574: “urbem quam statuo, uestra est; subducite nauis;
Tros Tyriusque mihi nullo discrimine agetur.”

¹⁶ Cf. XI, 440-442.

¹⁷ V, 749: “Não há demora nestas decisões nem Acestes declina as incumbências.”

¹⁸ VIII, 472-473: “nobis ad belli auxilium pro nomine tanto
exiguæ uires”.

¹⁹ Cf. VIII, 475-476.

“Sem delongas, Tarconte junta as suas forças às dele e firma um pacto”²⁰.

A figura do pacto mantém-se viva ao longo das escaramuças entre as diversas facções até se chegar ao duelo final entre Eneias e Turno. Já foi citado o porta-voz Ilioneu no palácio do rei Latino, que apresenta ofertas em nome de Eneias, o chefe dos refugiados, como garantia dos propósitos de paz:

“Eneias manda ainda oferecer-te estes singelos presentes, sinais da sua anterior fortuna, relíquias que conseguiu salvar de Tróia”²¹.

Por sua vez, Latino promete um gesto preñado de simbolismo:

“parte do nosso tratado de paz já será para mim tocar a dextra do teu senhor.”²²

Outra forma de estabelecer um pacto entre duas individualidades é a do juramento. Num contexto conforme à religiosidade do tempo, Eneias apresenta ao rei Latino as suas condições de paz:

“Se acaso a vitória couber ao Ausónio Turno, fica acordado que os vencidos partirão para a cidade de Evandro, que Julo abandonará estes campos e que doravante nunca mais os Enéades ergam, retomando a guerra, arma alguma ou atormentem pelo ferro este reino. Mas se a Vitória consentir que Marte esteja do nosso lado, como antes penso – e antes o confirmem os deuses com a sua vontade – não ordenarei aos Ítalos que obedeçam aos Teucros nem reclamarei para mim o poder: que ambos os povos invictos se unam numa aliança eterna, com leis iguais. Eu lhes darei ritos e deuses; que Latino, meu sogro, seja senhor das armas e do poder supremo. Os Teucros erguer-me-ão muralhas e Lavínia dará à cidade o seu nome.”²³

Ao que Latino responde também com um juramento:

“dia algum romperá da parte dos Ítalos esta paz e tratado, deles força alguma me afastará de livre vontade”²⁴.

²⁰ Cf. X, 153-154.

²¹ Cf. VII, 243-244.

²² VII, 266: “pars mihi pacis erit dextram tetigisse tyranni.”

²³ Cf. XII, 182-194.

²⁴ Cf. XII, 202-204: “nulla dies pacem hanc Italis nec foedera rumpet, quo res cumque cadent; nec me uis ulla uolentem auertet”.

É de particular importância enaltecer o estado de espírito e de compromisso por parte dos Troianos. Estes sentem-se compelidos a travar a guerra, terminada a qual não deverão seguir-se outras guerras porque é sua convicção que nunca será desta forma que se encontrará a solução dos problemas entre os humanos. Em caso de derrota, retrocederão e limitar-se-ão à pobreza do reino de Evandro; em caso de vitória, oferecerão uma “aliança eterna”, “leis iguais” e o poder ao chefe até ali reinante, o rei Latino. É a inversão de todas as consequências de um sucesso militar: a igualdade em vez da submissão de um dos lados da contenda. Era o cumprimento dos projectos do pai Anquises transmitidos ao filho no mundo do Além:

“A ti, Romano, não o esqueças, cabe-te governar os povos com o teu poder. Estas serão as tuas artes: ditar normas para a paz, ser clemente para com os vencidos e submeter os soberbos pela força.”²⁵

Uma outra particularidade inerente aos poemas clássicos é que os deuses agem em moldes semelhantes aos dos humanos. Imiscuem-se na guerra entre si protegendo os seus preferidos. Efectivamente, também estabelecem acordos mútuos. Antes de entregarem a sorte da guerra à valentia de dois heróis, acordam no seguinte:

Do lado da deusa Juno:

“quando tiverem definido os termos do tratado, não ordenes aos Latinos, os nativos desta terra, que mudem o seu antigo nome nem que se tornem Teucros e Teucros se passem a chamar nem que mudem de linguagem ou alterem os seus trajos. Que perdure o Lácio, que os reis Albanos perdurem através dos séculos, que haja uma estirpe romana poderosa, dotada do valor ítalo. Tróia pereceu. Permite que com o seu nome Tróia tenha perecido.”²⁶

Em resposta, Júpiter dá o assentimento às pretensões da sua esposa e irmã:

“Os Ausónios conservarão a língua e os costumes dos seus antepassados e o seu nome perdurará tal como é. Os Teucros, misturando-se somente pelo sangue, serão assimilados. Atribuirei as leis e os rituais das cerimónias religiosas, farei de todos eles Latinos, com uma só língua.”²⁷

²⁵ VI, 851-853: “tu regere imperio populus, Romane, memento (hae tibi erunt artes), pacique imponere morem, parcere subiectis et debellare superbos.”

²⁶ Cf. XII, 821-828.

²⁷ Cf. XII, 834-837.

A conclusão a tirar é que, nesta visão dos problemas da guerra, o invasor não tem o direito de anular a maneira de ser, isto é, a cultura e os costumes do povo invadido. Mais ainda: compete ao estrangeiro fazer-se nativo se quiser viver no país de acolhimento. A força das armas pode dar azo à ocupação de uma terra mas não, a quebrar a alma de quem já lá vive. É dever de quem chega identificar-se com quem recebe.

Faz parte da história dos homens um comportamento diverso quanto ao cumprimento dos pactos ou acordos estabelecidos. No meio de grande polémica surgem diversas interpretações e vias de assunção dos compromissos. Tornou-se por demais notório no conflito do Iraque. No universo mítico da fundação da cidade de Roma pelo povo troiano algo de semelhante também se deu.

Eneias, perante o incumprimento alheio, reage da mesma forma:

“Demande-se a peleja e rompam-se os pactos!”²⁸

O rei Latino reconhece não ter levado ao fim os seus propósitos. Não atendera ao prometido a Turno:

“arrebatei o que tinha prometido ao meu genro”²⁹.

E acaba por concluir:

“rompi todos os vínculos”³⁰.

Por parte dos deuses, também tal acontece quando Juno usa como intermediária a irmã do próprio herói Turno:

“instiga os combates e rasga o pacto acordado”³¹.

Num envolvimento bélico em que participam não apenas os homens, mas até os próprios deuses, as forças extremam-se, os intervenientes contradizem-se, negam-se a si próprios até à irracionalidade. Mas é possível definir, talvez com alguma surpresa, marcas fundas de humanidade. Alguns quadros do poema vergiliano são disso mesmo um claro testemunho.

Eneias havia penetrado finalmente pela foz do rio Tibre. E, como era norma, envia os seus companheiros para reconhecer as novas paragens que

²⁸ VIII, 540: “poscant acies et foedera rumpant.”

²⁹ XII, 31: “promissam eripui genero”.

³⁰ XII, 30: “uincla omnia rupi”.

³¹ XII, 158: “tu bella cie conceptumque excute foedus.”

lhes eram oferecidas. O próprio rei Latino, sentado no seu trono, acolhe-os no templo sagrado. E adiante-se, desde já, que de forma genuinamente humana ou, mais precisamente, “com ar amável e hospitaleiro”³². É com este semblante que se dirige àqueles estrangeiros recém-chegados. Identifica o seu povo como gente que se deixa guiar por valores humanos. Convida-os a que não recusem o “*hospitium*” que lhes oferece, pois que os seus súbditos se sujeitam de livre vontade a critérios da justiça sem se sentirem coagidos apenas por decretos qualquer espécie³³. Como resposta despontam as palavras do velho Ilioneu, em nome de todos, nomeadamente de Eneias, o chefe ausente. Aliás, exercera as mesmas funções diante da rainha Dido em Cartago³⁴. Agora ele não era mais que um dos cem embaixadores (“*oratores*”) enviados pelo filho de Anquises³⁵. As suas palavras correspondem claramente ao grau de humanidade demonstrado pelo rei. Começa por afirmar que não fora por acaso que eles, estranhos naquela terra, haviam chegado à sua presença:

“é por nossa decisão que todos nós, de livre vontade, somos trazidos a esta cidade”³⁶.

Depois, o porta-voz Ilioneu dá a conhecer os propósitos daquela embaixada: a procura de um lugar seguro para um povo e para os seus deuses, onde todos tenham direito ao ar e à água. E em relação ao povo que os acolhia, não era sua pretensão diminuir a sua fama, mas aumentar, da sua parte, a gratidão vinda do fundo dos seus corações³⁷.

Estas promessas de paz já tinham sido oferecidas a outros povos do Mediterrâneo, que as recusavam ou tal não estava previsto pelas forças superiores aos homens. Mas, agora, a troca de presentes devia selar a sinceridade dos sentimentos que acabavam de ser manifestados por ambas as partes.

Uma outra marca de humanidade em situação de guerra ocorre quando os Troianos estabelecem a aliança com Evandro, o rei estabelecido no Palatino, de ascendência grega ou, mais precisamente, arcádica. É costume vis-

³² VII, 194: “*atque haec ingressis placido prior edidit ore*”.

³³ Cf. VII, 203-204: “*pratica a justiça não por decreto ou imposição dos reis mas espontaneamente*”.

³⁴ Cf. I, 520.

³⁵ Cf. VII, 153.

³⁶ VII, 216-217: “*consilio hanc omnes animisque uolentibus urbem adferimur pulsi regnis*”.

³⁷ VII, 231-233: “*Não seremos para o vosso reino homens sem glória, nem a vossa fama será por nós diminuída; nem a nossa gratidão por um tão grande gesto se há-de extinguir, nem os Ausónios se arrependerão de ter recebido Tróia no seu seio.*”

lumbrar-se no “Livro VIII” da *Eneida* o cunho particular da personalidade de Vergílio. Trata-se da parte do poema dedicada à simplicidade, à *paupertas*, inerentes ao ideal e à maneira de ser do poeta, o que levou mais tarde a confundi-lo com o temperamento complacente de uma donzela, isto é, de uma “virgo” e não dele próprio, “Vergilius”³⁸.

A primeira aliança contraída com o rei Latino havia-se esfumado no confronto violento de controvérsias intestinas. Os “patres” ou senadores tinham decretado a sua anulação, e o templo de Jano reabriria-se como sinal de uma nova guerra³⁹. Mas o rio Tibre, na sua figuração divinal, aconselha o chefe troiano a estabelecer um pacto com Evandro, inimigo ancestral do povo latino. Eneas solicitará, por isso, um verdadeiro “pacto de lealdade”:

“accipe daque fidem.”⁴⁰

Os gestos e as mensagens de concórdia num cenário de guerra repetem-se entre os dois povos. Depois de dirigir um pedido de auxílio militar, a resposta deposita-se num abraço de amizade com o filho do rei, Palante de nome⁴¹. Mais ainda: o velho patriarca vive num reino de grande pobreza, não lhe pode prestar meios de socorro em caso de guerra⁴². Mas o rei move-se noutros valores como o da amizade que reconhece existir também naqueles estrangeiros. Por isso, antes de o convidar para a partilha do tradicional acto de culto em honra de Hércules, afirma expressamente:

“Entretanto, uma vez que viestes como amigos, celebrai connosco, de ânimo favorável, estes sacrificios anuais que ninguém pode alterar, e sentai-vos desde já à mesa dos vossos aliados.”⁴³

De facto, o calor humano do velho rei Evandro era a sua grande riqueza. Conduz Eneas por velhos locais da cidade, todos eles carregados de história, mas num quadro de pobreza gritante. Desta forma, o poeta realçava a grandeza presente do imperador Augusto em contraste com tudo o que era passado. E todos são alvo da recepção nos próprios aposentos do rei que não hesita em reconhecer a carência de meios:

³⁸ Tal facto daria origem à corruptela “Virgílio”, o nome do poeta, ainda hoje vigente na nossa língua. Efectivamente, os mais antigos e mais fiáveis manuscritos atestam “Vergilius” (Cf. v.g. *Oeuvres de Virgile, Texte Latin*, Paris, Hachette, s.d., p.III).

³⁹ Cf. VII, 609-615.

⁴⁰ Cf. VIII, 150.

⁴¹ Cf. VIII, 119-120.

⁴² Cf. VIII, 472-473.

⁴³ Cf. VIII, 172-174.

“Ousa agora, meu hóspede, menosprezar as riquezas, age de modo digno de um deus: vem, entra, olhando sem desdém os nossos parcos haveres.”⁴⁴

Por fim, convida-o a descansar num leito de folhas coberto com pele de ursa da Líbia⁴⁵. Mais uma vez, a palavra e o gesto se conjugaram para afirmar um alto grau de humanidade em tempo de guerra.

Um outro quadro, que preenche grande parte do “Livro IX”, apresenta-nos marcas vibrantes de humanidade no meio de uma cilada urdida por dois soldados troianos. Trata-se da audácia, do desejo de combater por parte de Niso, alguém já experimentado na guerra, que se faz acompanhar de um outro, Euríalo, ainda bastante jovem. O texto enaltece a juventude e a amizade entre ambos:

“Rapaz ainda, assinalava as faces virgens com a primeira lanugem juvenil. Tinham um amor recíproco”⁴⁶.

As circunstâncias da guerra causavam algum melindre ao exército troiano. O inimigo avançava vitorioso. O seu chefe encontrava-se ausente na Etrúria onde, a conselho do pobre e velho rei Evandro, procurava a aliança necessária para combater o inimigo. Este, entretanto, organizara um cerco que impedia os contactos de Eneias com os seus homens. Tornava-se urgente uma via de comunicação que, segundo o mais velho, só seria possível estabelecer pela calada da noite. Era esta a tarefa reservada à experiência de um e à juventude do outro.

As marcas de humanidade reflectem-se no relacionamento entre ambos, mas também entre a juventude de Euríalo e a de Julio Ascânio, e ainda no papel desempenhado pelo velho Aletes.

O mais jovem responde imediatamente ao repto do mais velho:

“Está aqui um coração que não tem medo da morte e acredita que vale a pena pagar com a vida a honra para a qual te diriges.”⁴⁷

E ambos acabarão por se tornarem companheiros na desgraça. De realçar os conselhos de Niso quando pressente um excesso de indiferença do jovem Euríalo perante a morte dos que sucumbiam à sua bravura⁴⁸, a

⁴⁴ Cf. VIII, 364-365.

⁴⁵ Cf. VIII, 366-368.

⁴⁶ IX, 181-182: “ora puer prima signans intonsa iuuenta.
his amor unus erat”.

⁴⁷ Cf. IX, 205-206.

⁴⁸ Cf. IX, 354.

autoacusação diante dos próprios inimigos acerca da responsabilidade do companheiro⁴⁹, o gesto de morrer sobre o cadáver de um amigo tão fiel⁵⁰.

Emocionante é a relação de amizade entre os jovens Euríalo e Ascânio, o filho de Eneias.

A palavra, mais uma vez, é corroborada pelo gesto. Efectivamente, perante os projectos de Niso e Euríalo, Ascânio exclama:

“Ponho nas vossas mãos todo o meu destino e a minha esperança.”⁵¹

Logo a seguir, corrobora com um abraço o que acabava de afirmar⁵².

Mas o quadro torna-se emotivamente mais intenso quando Euríalo recomenda a Julo Ascânio a própria mãe, uma das raras mulheres que ousara seguir a frota troiana a partir de terras da Sicília. Era o único prémio que reivindicava pela façanha que se propunha levar até ao fim:

“Mas tu, peço-te, consola-a na sua solidão e auxilia-a no seu abandono. Permite-me que parta de junto de ti com esta esperança, pois avançarei com maior audácia para qualquer vicissitude.”⁵³

A resposta de Ascânio não é menos sentida: promete proteger a mãe de Euríalo como se fosse a sua própria mãe:

“Pois ela será para mim como se fosse minha mãe e só lhe faltará o nome de Creúsa.”⁵⁴

E as lágrimas dos Troianos presentes⁵⁵ sucedem às dele próprio⁵⁶.

Por sua vez, o velho Aletes agradece aos deuses a coragem daquele par de Troianos e, por isso, não consegue conter a emoção. É em lágrimas que acaricia os ombros e as mãos daqueles jovens tão valorosos⁵⁷.

⁴⁹ Cf. IX, 427-429.

⁵⁰ Cf. IX, 444-446.

⁵¹ IX, 260-261: “*quaecumque mihi fortuna fides est,
in uestris pono graemiis.*”

⁵² Cf. IX, 275-277.

⁵³ Cf. IX, 290-292.

⁵⁴ IX, 297-298: “*namque erit ista mihi genetrix nomenque Creusae
solum defuerit*”.

⁵⁵ Cf. IX, 293.

⁵⁶ Cf. IX, 303.

⁵⁷ IX, 250-251: “Assim dizendo, agarrava nos ombros e nas mãos direitas de ambos e as lágrimas regavam-lhe o rosto e as faces.”

O carácter do herói principal – Eneias – envereda por uma via intermédia, isto é, por entre aquele que é possuído simultaneamente pelo *furor* dos heróis homéricos e pela *pietas* genuinamente romana que cultiva a relação correcta com os divinos e os humanos. É nesta segunda versão que encontramos outras marcas de humanidade num contexto de guerra.

Eneias parece hesitar em inúmeras ocasiões, não é dado a conjugar o seu temperamento com a vontade irredutível de abater o inimigo. Perante o incêndio dos navios provocado pelas mulheres troianas fartas da guerra até ao limite, entra em desespero rasgando as vestes⁵⁸. Só depois, a conselho do velho Nautes, acede a que se proceda à fundação, ali mesmo, na Sicília, nos domínios do rei Acestes, de uma cidade para os mais débeis do corpo ou de espírito, reservando a fundação de uma nova Tróia, na Itália, para ele próprio e para os mais dotados. A revolta concertada dos diversos povos do Lácio⁵⁹ e a ajuda permanente da ninfa Juturna a seu irmão Turno, o inimigo a abater⁶⁰, parecem quebrar o seu ânimo, fazem-no titubear quanto à atitude a assumir. Julga-se, até, compelido a combater perante a ruptura de compromissos dos ex-aliados⁶¹. A sua alma de pacificador leva-o também a condescender com o inimigo ao devolver os corpos para o rito da incineração⁶², depois de afirmar perante todos que o seu objectivo era estabelecer a paz a favor dos vivos e não só dos mortos⁶³.

Além do seu próprio carácter em particular, é de notar a sua relação com outras figuras com algum relevo no quadro da guerra.

Lauso fora em socorro de seu pai, o etrusco Mezêncio, na iminência de sucumbir aos golpes de Eneias. Mas a sua juventude entenece Eneias – pela via da *pietas* filial – no momento de lhe lançar o golpe decisivo:

“Mas quando viu o vulto e o rosto do moribundo, o rosto do filho de Anquises, extraordinariamente pálido, suspirou gravemente e estendeu-lhe a mão compadecido e veio-lhe ao espírito a ideia do afecto paterno.”⁶⁴

Um outro quadro de relação assente numa amizade intensa e sincera é o

⁵⁸ Cf. V, 685-686.

⁵⁹ Cf. VIII, 18-25.

⁶⁰ Cf. XII, 486-487.

⁶¹ XII, 581-582: “Invoca os deuses como testemunhas de que é de novo forçado a combater, que os Ítalos se mostram hostis pela segunda vez e que um tratado foi por eles novamente quebrado.”

⁶² Cf. XI, 119.

⁶³ XI, 110-111: “Rogais-me paz em honra dos mortos, assassinados por imposição de Marte? Com efeito gostaria de a conceder também aos vivos.”

⁶⁴ Cf. X, 821-824.

que diz respeito ao jovem Palante, filho do velho rei Evandro. Fora vítima da ferocidade de Turno. Ao deparar-se com o seu corpo sem vida, dirige-se a ele em lágrimas⁶⁵ imaginando os sentimentos de Evandro, seu pai, e do seu amigo igualmente jovem, Julo Ascânio. Em lágrimas também ordena que se prestem as devidas homenagens àquele corpo⁶⁶ até chegar o momento emocionante da sua despedida:

“– Deste lado a pavorosa sorte bélica outras lágrimas nos reclama: adeus até sempre, meu querido Palante, até sempre adeus.”⁶⁷

Por fim, a relação Eneias/ Turno, que decide toda a contenda, adquire também aspectos particulares. Mas antes, notemos a despedida do primeiro relativamente ao seu filho Julo, no momento em que se reveste da armadura para o combate supremo. Para ele, só o grau de qualidade humana – “uirtutem”, “laborem” – deve contar:

“Aprende comigo, filho, o que é a valentia e o verdadeiro esforço, de outros o que é a sorte.”⁶⁸

E aconselha, depois, o filho a lembrar sempre os mais velhos, nomeadamente o pai e o tio Heitor.

Citemos, também, a relação existente entre Turno e a sua irmã, a ninfa Juturna que o aconselhava a renunciar ao duelo com Eneias. O *furor* de Turno é superior ao amor fraternal:

“Não mais me verás, minha irmã, sem que tenha defendido a minha honra.”⁶⁹

Relevância maior, no entanto, merece a atitude de Eneias com Turno a seus pés, o que constitui o último quadro do poema.

Turno reconhece que a sua sorte está traçada. Mas recorre ao que de mais genuíno emerge do carácter do seu adversário: a *pietas* filial. Lembra ao inimigo a semelhança de situações do pai de Eneias e do seu próprio pai, Dauno. Eneias sente, mais do que ninguém, o repto lançado, a tal ponto que

⁶⁵ XI, 29: “Sic ait inlacrimans”.

⁶⁶ XI, 59: “Haec ubi defleuit”.

⁶⁷ XI, 96-99: “nos alias hinc ad lacrimas eadem horrida belli
fata uocant: salue aeternum mihi, maxime Palla,
aeternumque uale.”

⁶⁸ XII, 435-436: “disce, puer uirtutem ex me uerumque laborem,
fortunam ex aliis.”

⁶⁹ Cf. XII, 679-680.

chega a hesitar em desferir o golpe fatal ao inimigo e assim decidir a sorte do seu próprio povo:

“Eneias, enérgico, sob as suas armas, estava imóvel, volvendo o olhar para um lado e para o outro, e susteve a dextra. E já as palavras começavam a demovê-lo e hesitava cada vez mais...”⁷⁰

Mas, ao reparar no cinturão conquistado pelo Rútulo ao seu extremoso amigo Palante, filho do pobre mas bondoso rei Evandro, o *furor* apodera-se dele e desfere o golpe mortal ao inimigo. E com este gesto do herói troiano, o poema vergiliano atinge o seu fim fixando a sorte da guerra.

De todos estes quadros do poema épico cumpre referir, por fim, que o eloquente Drances e o feroz Turno proferem a mesma sentença, num tom e com intenções diferentes: “nulla salus bello”. Mas certamente, ambos navegavam num mar de dúvidas. O primeiro apreendera a lição de humanidade quando Eneias permite generosamente a entrega dos corpos que haviam sucumbido na batalha recente e promete levar ao rei Latino a palavra da paz prometida e contrária aos projectos de Turno. Mas, para desgraça de todos, a palavra vai ceder à espada, a força à razão. O poeta Tibulo havia de esconjurар quem – feroz e insensível – tivera a ousadia de inventar tal instrumento de guerra, segundo ele, uma via aberta para a morte⁷¹.

Que a espada de Turno ceda à palavra de Drances. Ou, como Cícero, “que as armas cedam à toga”⁷². Que a diplomacia dos nossos tempos substitua os ímpetos da guerra. Que se tornem afirmativas, e não meramente interrogativas, as palavras do poema proferidas por personagens com propósitos antagónicos:

“nulla salus bello”.

⁷⁰ Cf. XII, 938-941.

⁷¹ I, X, 1-4: “Quis fuit, horrendos primus qui protulit enses?
Quis ferus et uere ferreus ille fuit!
Tum caedes hominum generi, tum proelia nata
et breuior dirae mortis aperta uia est.”

⁷² *II Filípica*, 8,20.